

POEMA ENUNCIADO: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Bianca Ariane Bernardini

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

(bianca.grafica@yahoo.com.br)

Resumo

Considerando os conceitos propostos pelo Círculo de Bakhtin referentes à linguagem, este artigo busca apresentar uma nova leitura do poema **Mas**, do poeta contemporâneo Francisco Alvim. Em sua obra **Elefante** (2000), Alvim resgata enunciados corriqueiros do cotidiano, quase proverbiais, e os reapresenta, poética e criticamente, reelaborados e reacentuados. A análise do poema **Mas** é organizada pelo ponto de vista bakhtiniano de que todo enunciado é único e irrepetível e que, por isso, um mesmo enunciado, dentro de um novo contexto social imediato, torna-se um novo signo ideológico. O signo, na percepção de Bakhtin e Volóchinov (2014), conceitua essencialmente o tratamento da ideologia por meio da linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo, mediante enunciados concretos.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; Francisco Alvim; Poema **Mas**; Enunciado.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Bianca Ariane Bernardini

Possui graduação em Licenciatura em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória (2015) e Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2019). Atua como professora particular de Língua Portuguesa, com ampla experiência nos seguintes temas: texto e discurso, produção textual (oral e escrita), textualidade, gêneros discursivos, estudos linguísticos, gramática, metodologia de ensino e análise do discurso.



lattes.cnpq.br/4888899792876560



orcid.org/0009-0001-0795-2843

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

POEMA ENUNCIADO: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Bianca Ariane Bernardini

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

bianca.grafica@yahoo.com.br

Introdução

A teoria do Círculo de Bakhtin compreende a linguagem como discurso, isto é, como produto de interação sociocomunicativa. O uso da linguagem se efetua por meio de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos. Nessa concepção, o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva.

A linguagem é fruto da prática social, ou seja, ela não é construída por um ato individual, mas se realiza como ação conjunta e partilhada entre sujeitos e entre sujeito e o mundo. Essa atividade interativa é constante, pois toda enunciação é um ato responsivo. Cada falante responde à compreensão de um enunciado anterior e o seu novo enunciado suscita uma resposta de seu interlocutor.

Portanto, o diálogo entre o **eu** e o **outro** implica o ato responsivo não só do interlocutor/destinatário, mas também do falante/emissor. Ambos são sujeitos agentivos no diálogo e, nessa tensão ideológica, nessa alteridade, é que cada enunciado e, por conseguinte, cada sujeito se constitui. Se não há passividade discursiva, então toda resposta, todo e qualquer ato enunciativo será novo e único, carregado de suas próprias tonalidades valorativas. Com base nesses pensamentos, provenientes dos estudos da teoria do Círculo de Bakhtin, este trabalho apresentará uma análise do poema intitulado **Mas**, de Francisco Alvim.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Enunciação: evento único e dialógico

Entendendo a linguagem enquanto interação, faz-se necessária a participação de, no mínimo, dois indivíduos socialmente organizados, pois a linguagem é uma atividade essencialmente social. O processo de materialização dos enunciados ocorre por meio da palavra, pois ela é o recurso semiótico que possibilita a expressão e a interação verbal.

Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 117, grifos do autor)

Na concepção bakhtiniana, para que ocorra, de fato, a interação verbal, é indispensável que locutor e interlocutor pertençam à mesma comunidade linguística e estejam integrados na unicidade da situação social imediata. Todo enunciado suscita uma resposta, pois a sua compreensão não é um ato passivo, é sempre responsivo. Na interação verbal, toda a compreensão gera uma resposta (imediata ou não), e o ouvinte se torna falante.

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 1997, p. 271)

Todo falante é respondente, isto é, toda ação discursiva de um sujeito é uma resposta a uma compreensão anterior, pois “ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo” (BAKHTIN, 1997, p. 272). E toda resposta implica uma nova resposta dada pela compreensão do outro. Por isso, todo enunciado é um processo de negociação de sentidos: todo enunciador tem um projeto de dizer, bem como o enunciatário tem um projeto de ouvir e, por conseguinte, responsivamente valora o seu. A palavra do outro constitui o meu enunciado e, nesse sentido, nenhum ato de fala é individual, mas de natureza social. Todo enunciado é construído pela alternância de sujeitos do discurso: “o falante

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 1997, p. 275).

Ao enunciar, não basta ao falante apenas o conhecimento da palavra enquanto código linguístico. Assim como a palavra, a oração isolada só poderá ser considerada um enunciado plenamente válido se for capaz de determinar imediata e ativamente a resposta do falante. Se tanto a palavra quanto a oração, isoladas, estiverem envolvidas por um contexto, poderão assumir a plenitude do seu sentido, ou seja, ganharão uma entonação expressiva que é dada pelo sujeito do discurso ao assumir uma posição responsiva diante delas por meio de uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 289).

Toda palavra ou oração adquire um sentido, um significado dentro de um contexto, pois carrega consigo um conteúdo ideológico, constituindo-se, então, como signo. O signo é explicado na teoria bakhtiniana como todo produto natural, tecnológico ou de consumo que adquire um sentido que ultrapasse suas próprias peculiaridades. Se a língua for entendida apenas enquanto sistema linguístico, então é percebida apenas como um **sinal**, sempre igual em si mesma. Mas, quando a forma linguística é compreendida pelo sujeito dentro de um contexto determinado, ou seja, quando adquire uma nova significação - sempre variável e flexível - dada às condições de uma situação de uso concreta, então o sinal se torna um **signo**. Todo signo está carregado de um conteúdo ou de um sentido ideológico. “*Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 31, grifos do autor).

Toda ação responsiva do falante a um enunciado ocorre por meio de sua assimilação das palavras do outro, e não das palavras da língua (BAKHTIN, 1997). É na relação com o outro que o sujeito se constitui, é a partir da relação (harmônica ou não) com o discurso e com a ideologia do outro que o sujeito constrói o seu próprio discurso. “A palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 117). Portanto, não há uma esfera de comunicação totalmente desvinculada da outra: todo ato enunciativo é, inevitavelmente, dialógico.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vários de alteridade ou de assimilidade, de um grau vários de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 1997, p. 295)

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Num processo dialógico, o outro orienta a escolha estilística do falante. É a partir do outro que se delimita, que se emoldura o discurso. Esse outro, segundo Bakhtin (1997), pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo, uma coletividade, um povo, uma pessoa íntima, um estranho, enfim, todos os destinatários possíveis são determinados pelo campo da atividade humana e da vida a que se refere o enunciado. Quando o sujeito assimila, reelabora e reacentua o discurso do outro, dá a ele um novo tom valorativo, um novo conjunto de valor. Por isso, todo discurso é único e irrepetível, ainda que idêntico gramaticalmente e proferido pelo mesmo indivíduo, pois “na qualidade de sujeito jamais coincido comigo mesmo” (BAKHTIN, 1997, p. 124). A cada novo ato de fala, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se *refrata*” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 47, grifo do autor).

Todo o enunciado proferido, dentro de um contexto social imediato, tem contato com a realidade (com a situação extraverbal), ou seja, tem relação com enunciados alheios e, assim, é delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso. “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 1997, p. 265). Ou seja, a enunciação, dentro de uma determinada esfera social, é um evento único, fruto da interação verbal que, por sua vez, é constituída por signos ideológicos extraídos, dialogicamente, pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, dentro da grande cadeia discursiva que é a vida.

A poética de Francisco Alvim: o grande passo do Elefante

O poeta contemporâneo Francisco Soares Alvim Neto nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1938. Escritor desde a adolescência, publicou seu primeiro livro, intitulado **Sol dos cegos**, em 1985, três anos após iniciar sua carreira como diplomata. Entre os anos de 1969 e 1971, residiu em Paris, atuando como secretário de representação do Brasil junto à UNESCO. De volta ao Brasil, licenciou-se da diplomacia e constituiu, ao lado do Cacaso, Roberto Schwarz, Chacal e Geraldo Carneiro, a primeira leva dos chamados “poetas marginais”: o grupo Frenesi (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

Surgida na época da ditadura militar no Brasil, a Poesia Marginal, também chamada Geração Mimeógrafo, nunca foi considerada um movimento literário, e sim um movimento poético. O uso do mimeógrafo possibilitou aos escritores a produção de seus livros de forma artesanal, sem a necessidade de recorrer a grandes editoras, as quais não lhes davam acesso por controle ideológico em virtude de possível censura. Caracterizado pela forte crítica voltada ao conservadorismo da sociedade e à violência diária que ocorria nas grandes cidades, o movimento marginal construiu uma literatura própria, dedicada a temas das

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

classes marginalizadas, retomando uma estética nascida no movimento modernista: versos curtos e sem métrica formados por uma escrita espontânea de linguagem coloquial (PEREIRA, 1981).

Influenciada por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, a obra de Francisco Alvim apresenta um teor lírico e ao mesmo tempo crítico de observar a realidade, e que seu companheiro Roberto Schwarz (2001) evidencia: “Alvim tem o ouvido diabólico”.

Até onde sei, Francisco Alvim é o poeta de minha geração que mais profundamente assimilou a lição dos modernistas. A diferença dos horizontes, entretanto, é total. Basta pensar no deslumbramento com que estes descobriram, assumiram e quiseram transformar em saída histórica as nossas peculiaridades sociais e culturais, “tão Brasil”. (SCHWARZ, 2001)

Dentre suas publicações, este trabalho irá abordar a poética que constitui o livro **Elefante**, publicado no ano de 2000, e que foi muito bem recebida pela crítica especializada. Seu conteúdo nasce no solo da experiência de vida do autor e de suas vivências “coadas”, absorvendo, também, as experiências que ele sente ao redor de si. O próprio poeta afirma desentranhar a violência, a maldade, a perversão da linguagem cotidiana e levar para a poesia: “é uma maneira que eu tenho de reagir” (ALVIM, 2010). Na combinação de poemas complexos com poemas de versos econômicos, o livro **Elefante** chama a atenção ao apresentar poemas formados por um ou dois versos curtos, que refletem a fala do cotidiano.

MAS

é limpinha

(ALVIM, 2000, p. 62)

Alvim (2010) justifica essa forma inusitada como um apego que ele sente à narrativa. Segundo Bastos (2014, p. 184), o movimento assumido pelo poeta em sua escrita “provoca um tipo de deslocamento na poesia, pressuposto não apenas pelo ato trapeiro de apreensão das coisas jogadas fora, mas também pela maneira como se dá a disposição tempo x espaço”. Ao captar nos dizeres dos brasileiros aquilo que é tão comum, tão de boca em boca, tão parte desse Brasil-problema, o “Chico” brasileiro traduz em poesia as palavras que pertencem a todos e a ninguém em particular, mas que revelam um passado muito presente.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A economia do formato mínimo leva naturalmente à decantação de quase-módulos e à variação das relações sociais de base, cuja representação adquire a contundência que vimos, para a qual a brevidade das formulações não deveria nos cegar. (SCHWARZ, 2001)

Em sua poética, Alvim exige nossa atenção e pinça, com perícia de cirurgião, as frases pequenas no tamanho, mas grandes no significado do não dito, que nos coloca face a face com os preconceitos, as desigualdades e a sujeira do cotidiano. E sobre essa ironia presente nas frases transformadas em poemas tão críticos, Alvim explica que não conservam o humor do Modernismo: “não é aquele riso aberto, aquela coisa franca, amorosa, ‘auroral’ dos modernistas. É uma coisa doentia, é uma coisa perversa” (ALVIM, 2010). Afinal, não se trata de um passinho de elefantinho pequeno, manso e colorido; mas de um passo de Elefante gigantesco, feroz e selvagem.

Análise discursiva

MAS

é limpinha

O poema **Mas**, de Francisco Alvim, publicado no livro **Elefante**, no ano de 2000, é constituído de um único verso, aparentemente simples e superficialmente limpo. Superficialmente, porque na profundidade semântica desse verso existem nuances discursivas, as quais serão analisadas neste trabalho pela teoria do discurso do Círculo de Bakhtin.

Utilizando, inicialmente, uma análise mais linguística, o título **Mas** refere-se a uma conjunção coordenativa adversativa, ou seja, nos remete à ideia de que a frase **é limpinha** seja um contraponto a algo dito anteriormente. Contudo, não há na construção do poema um discurso anterior, pelo menos não explicitamente, o que, segundo Bastos (2014, p. 183), gera os questionamentos: “quem é limpinha? O que é limpinha? Em relação a quem/a quê?”. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que não há necessidade de responder a essas perguntas, pois o poema todo (desde seu título ao final do verso) retrata uma fala muito popular entre os brasileiros e que já funciona como uma espécie de aforismo. De acordo com Bastos:

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Uma das provocações do poema “Mas” é a evocação de sentidos já dados, como o da expressão popular muito marcada, e que funciona como elemento depreciativo e enunciado duramente preconceituoso: “eu sou pobre, mas sou limpinha”; “ela é humilde, mas é limpinha”; “é feia, mas é limpinha” etc. Uma série de possibilidades é aberta pela fala histórica e socialmente arraigada no dito popular. [...] Vilma Arêas, no posfácio da edição portuguesa do livro *Elefante*, lê o poema apenas como forma de expressão do preconceito racial, o qual ficaria omitido na “primeira parte de um sintagma absolutamente familiar para os brasileiros [...] ‘é preta, mas é limpinha’”. No entanto, sobre o sintagma de fato – e infelizmente – familiar aos brasileiros, Vilma Arêas acertadamente afirma que “o diminutivo desliza da pessoa para sua insignificância social”. (BASTOS, 2014, pp. 182-183, grifos da autora)

A escolha dos recursos linguísticos feita pelo falante é um ato estilístico, pois “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 265). Como gêneros do discurso (orais e escritos), Bakhtin (1997) denomina os tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, campos elaborados pela utilização da língua, com diversidade infinita e inesgotável, desde breves réplicas da fala cotidiana, até as variadas manifestações científicas e todos os gêneros literários.

Para Bakhtin (1997), os enunciados refletem as condições e finalidades específicas de cada referido campo (ou gênero discursivo) pelo seu conteúdo (temático); por sua construção composicional; e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos. Portanto, ao examinar um fenômeno concreto da linguagem, não se deve considerá-lo apenas como um fenômeno gramatical, mas, sim, como um fenômeno estilístico, examinando-o no conjunto de um enunciado individual. No poema analisado, além da função sintática da palavra **mas**, é perceptível a força semântica que possui, tendo em vista seu destaque no título. As conjunções adversativas não só ligam palavras ou orações que expressam ideias contrárias, opostas, mas também podem gerar sentido de consequência a algo já dito anteriormente. Na poesia de Alvim, o uso de **mas** carrega muito mais o sentido de consequência do que de oposição. Isso pode ser verificado de forma bastante clara no poema intitulado **Parque**, publicado, também, em **Elefante**:

PARQUE

É bom
mas é muito misturado

(ALVIM, 2000, p. 59)

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Tanto o poema **Mas** quanto o poema **Parque** manifestam um preconceito velado, pois essas falas implicam “o deboche, ou mesmo a brincadeira jocosa, porém perversa” (BASTOS, 2014, p. 182). Ao utilizar um discurso já comum à sociedade, Francisco Alvim “seleciona não só o que é mundano, corriqueiro, mas, principalmente, restos recolhidos muito mais por não serem seus, por pertencerem a outras pessoas” (BASTOS, 2014, p. 152) e, ao transformar esse discurso mundano em um poema, o autor ironiza o enunciado, utilizando-o como resposta àqueles que já se utilizaram do mesmo discurso em outras situações. “A experiência discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Voltando ao poema **Mas**, objeto desta análise, Alvim se apropria da segunda parte de um discurso cotidiano, já valorado, que possui várias respostas e que é repetido (com diferentes começos) no decorrer de nossa história; e o isola em um livro de poemas. Ao ficar isolado, o enunciado não passa a ser, simplesmente, uma frase solta, mas passa a ter uma nova realidade sócio-interacionista, tornando-se um novo discurso, proferido em um evento único repleto de novas tonalidades valorativas, à espera de novas respostas. Ou seja, quando o leitor procura resgatar os enunciados possíveis em torno do poema, este deixa de ser uma simples oração e passa a constituir um enunciado plenamente válido, colocado dentro do lugar de dizer do outro, que até pode já ter sentido o efeito discursivo do enunciado na própria pele; ter se utilizado do discurso como piada; ou até mesmo o repetido, quase “sem querer”, como outro aforismo qualquer. “Ele está emoldurado e delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso e reflete imediatamente a realidade (situação) extraverbal” (BAKHTIN, 1997, p. 287), pois, segundo Bakhtin:

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina suas peculiaridades estilístico-composicionais (BAKHTIN, 1997, p. 289)

Há, ainda, de acordo com Bakhtin, um segundo elemento que determina a composição e o estilo, “o elemento **expressivo**, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 289). Ao ler o pequeno poema de Alvim, é possível compreender a posição ocupada pelo autor em relação ao enunciado: sua atividade responsiva é de desacordo. Ao compor o poema, Alvim se coloca no lugar do ouvinte (num movimento de empatia) e retorna a seu lugar de

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

locutor (num movimento de exotopia). Sua voz entra na grande cadeia da comunicação discursiva e, num processo dialógico, apresenta um novo enunciado, repleto de ecos de outros enunciados. Bakhtin (1997) explica que qualquer palavra existe em três aspectos ao falante: primeiro, como palavra de língua neutra, não pertencente a ninguém; segundo, como alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e terceiro, como a **minha** palavra, pois quando opero com ela em uma situação e com uma intenção discursiva determinadas, ela está compenetrada da minha expressão. A ideia do autor nasce na relação e na luta com a ideia do outro, ou seja, nasce da alteridade.

A alteridade que compõe o poema pode ser analisada pela perspectiva bakhtiniana de que o diálogo envolve um trio. Para Bakhtin (1997), além do autor da produção verbal e do destinatário, existe o que ele denominou o **terceiro** do diálogo. Quando o locutor fala diante de alguém, constrói seu enunciado assistido por um conjunto de valores pressupostos que concordam e dão amparo ao que é dito, e isso constituirá a imagem do terceiro no diálogo, definido por Bakhtin (1997) como um **superdestinatário** superior. “Todo diálogo se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão responsiva, e que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros)” (BAKHTIN, 1997, p. 357).

No poema **Mas**, podemos definir o poeta Francisco Alvim como o autor da produção verbal (o primeiro do diálogo); o(s) possível(eis) leitor(es) do poema como o(s) destinatário(s) (o segundo do diálogo) que, segundo Bakhtin (1997) pode ter características variáveis, ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência; e a sociedade (ou o senso comum) como o terceiro do diálogo, pois ao longo da história, a frase é repetida em forma de “dito popular” por esses indivíduos, o que empodera o autor para que este se expresse de forma tão incisiva.

O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto. O fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* e impele sempre mais adiante (de um modo ilimitado) (BAKHTIN, 1997, p. 357, grifos do autor)

No enunciado de Alvim, o terceiro do diálogo emerge de uma contraposição valorativa entre a concordância e a discordância com os discursos do senso comum. Ao contextualizarmos o momento constitutivo da produção verbal às vozes sócio-históricas, o enunciado, em sua totalidade de sentido, primeiramente, valida-se dos discursos da sociedade

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

para, em seguida, refutá-los, transpondo-os para uma nova consciência repleta de novas tonalidades valorativas.

Em seu uso banalizado, a frase **mas é limpinha** possui uma história, isto é, ela já possui uma memória coletiva, uma ideologia enraizada. As novas tonalidades valorativas dadas pelo autor à frase nascem da relação dialógica estabelecida entre essa história, essa memória e o contexto social imediato em que o poema é escrito. E nessa “negociação de sentidos”, o enunciado de Alvim reflete e refrata a realidade. Reflete por “repetir” um discurso já tão repetido e, por isso, muito conhecido; e refrata, por, ao repeti-lo, posicionar-se como sujeito crítico construindo, num tom irônico, uma nova significação à frase, um novo signo ideológico. O teor crítico que permeia a construção do poema suscita que ninguém mais pergunte “quem” ou “o quê” é limpinha, mas preencha uma lacuna deixada por uma conclusão social já (infelizmente) aceita.

Considerações finais

A partir de alguns conceitos provenientes dos estudos do Círculo de Bakhtin, foi possível analisar como um enunciado é sempre único e irrepetível. Qualquer enunciado produzido em uma determinada esfera comunicativa, dentro de um contexto social imediato, é constituído por um conjunto de valores. Por mais repetido que um enunciado possa parecer, ele sempre será proferido, ainda que pelo mesmo falante, com uma nova tonalidade valorativa, tornando-se um novo signo ideológico, e essa nova tonalidade é dada pela presença do outro, numa relação de alteridade.

No poema **Mas**, de Francisco Alvim, é possível constatar a manipulação do conceito ideológico da frase – mérito do autor – que, ao utilizá-la de forma sarcástica, constrói com isso um signo de crítica, embasado em suas várias atribuições: o texto breve; a conjunção adversativa como título em destaque; o jogo com uma “incompletude” enunciativa; e o abstracionismo de um dito popular colocado fora de contexto, demonstrando uma clara intenção de escopo analítico.

A humanidade de Alvim se mostra nesse poema, de verso minimalista, que lança em nosso rosto tudo aquilo que já ouvimos tantas vezes e que já estão arraigados nos ditos populares, que nem prestamos mais atenção. Ao transportar a vida para dentro de um livro, Francisco Alvim transforma um pequeno poema em um novo evento enunciativo que, singularmente, clama por diálogo, por respostas, e passa a integrar novamente – e diferentemente – a vida.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Referências

ALVIM, Francisco. **Elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVIM, Francisco. **Entrevista com Francisco Alvim**. Entrelinhas. Editor Manuel da Costa Pinto. Apresentação de Paula Picarelli. São Paulo: TV Cultura de São Paulo, 16 mai. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUNAYBLcGhM>. Acesso em: 05 set. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2014.

BASTOS, Laíse Ribas. **Mas é limpinha**: uma poética para Francisco Alvim. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128705>. Acesso em: 02 ago. 2016 (2014).

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA: **Francisco Alvim**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3645/francisco-alvim>. Acesso em: 09 ago. 2022.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época**: poesia marginal anos 70. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **Elefante complexo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1002200101.htm>. Acesso em: 30 ago. 2016 (2001).

Recebido em: 14/06/2023

Aceito em: 03/08/2023

Publicado em: 30/09/2023

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

POEM ENUNCIATED: A BAKHTINIAN ANALYSIS

Bianca Ariane Bernardini

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

(bianca.grafica@yahoo.com.br)

ABSTRACT

Considering the concepts conceived by the Bakhtin's Circle referring to language, this article seeks to present a new reading of the poem **Mas**, by the contemporary poet, Francisco Avim. In his work *Elefante* (2000), Avim rescues everyday, almost proverbial, utterances and reintroduces them, poetically and critically, reformulated and revalued. The analysis of the poem **Mas** is organized by the Bakhtinian standpoint that every utterance is unique and unrepeatable, and that, therefore, the same utterance, within a new immediate social context, becomes a new ideological sign. The sign, in Bakhtin/Volochinov's (2014) perception, essentially conceptualizes the treatment of ideology through language as a constant process of dialogue-mediated interaction, through concrete utterances.

Keywords: Bakhtin's Circle; Francismo Avim; Poem **Mas**; Utterance.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

POEMA ENUNCIADO: UN ANÁLISIS BAKHTINIANO

Bianca Ariane Bernardini

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

bianca.grafica@yahoo.com.br

RESUMEN

Teniendo en cuenta los conceptos concebidos por el Círculo de Bakhtin sobre el lenguaje, este artículo pretende presentar una nueva lectura del poema **Mas**, del poeta contemporáneo Francisco Alvim. En su obra *Elefante* (2000), Alvim rescata enunciados cotidianos, casi proverbiales, y los presenta de nuevo, poética y críticamente, reelaborados y reacentuados. El análisis del poema **Mas** se organiza según la visión bakhtiniana de que cada enunciado es único e irreplicable y que, por tanto, el mismo enunciado, dentro de un nuevo contexto social inmediato, se convierte en un nuevo signo ideológico. El signo, en la percepción de Bakhtin/Volochinov (2014), conceptualiza esencialmente el tratamiento de la ideología a través del lenguaje como un proceso constante de interacción mediada por el diálogo a través de enunciados concretos.

Palabras-clave: Círculo de Bakhtin; Francisco Alvim; Poema **Mas**; Enunciado.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-15	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>